

Fernando Castim

Neste trabalho, o Prof<sup>o</sup> Fernando Castim, através da análise de alguns trechos da obra de Machado de Assis, procura colocar a metáfora como instrumento lingüístico desse autor para trazer a todos o exercício da vida do homem do seu tempo e de todas as épocas.

Seria uma grande injustiça deixar passar o ano de 1989 sem que a revista SYMPOSIUM prestasse uma homenagem aos 150 anos do nascimento daquele que é o ilustre escritor brasileiro, Machado de Assis, o grande imortal de nossas letras.

Nasceu aos 21 de junho de 1839, no Morro do Livramento, Rio de Janeiro. Filho de um mulato, pintor de paredes, e de uma açoriana, cresce no meio de gente pobre e, posteriormente, com a ajuda do vigário da Lampadosa, aprende os rudimentos da Língua Latina. Daí por diante, será um autodidata. Será o jovem que frequenta a Biblioteca Pública para conhecer os grandes mestres da literatura universal. Será também o jovem perseguido por problemas de saúde e pelo estigma da cor. Mas será também o modelar funcionário público e o exemplar marido de D. Carolina.

Mas que será que fez de Machado de Assis o maior escritor brasileiro? Dentre muitas razões já fartamente analisadas pelos seus críticos e biógrafos, estão as sugestivas metáforas que brotam de sua pena e como que levam os verdadeiros leitores ao delírio estético.

Segundo Dubois, a metáfora não é propriamente uma substituição de sentido, mas a modificação do conteúdo semântico de um termo. Machado de Assis, como nenhum outro, soube tirar das palavras todo um potencial semântico, soube subverter a linguagem pela metáfora, soube imprimir a termos e expressões a sua tonalidade, a magia do "bruxo de Cosme Velho". Foi, através da metáfora, que ele imortalizou o seu estilo carregado de fina ironia, daquele "humor" que o torna parente bem próximo dos escritores ingleses. Através da metáfora, Machado expõe o exercício do viver - o homem angustiado pela solidão, pelo despeito, pela inveja, pela dor, pelo remorso; o homem inútil, o homem ingênuo; a vida ridícula, a vida cansativa, a vida monótona...

Examinemos alguns trechos que comprovam a arte da metáfora no autor em questão:

1. A expressão do ciúme de D. Úrsula com relação à amizade entre Estácio e Helena se traduz pela metáfora "dentada de despeito":

"As sobrancelhas grisalhas da boa senhora contraíram-se, e o lábio inferior recebeu uma dentada de despeito." (Helena)

2. D. Tonita completara 40 anos e ainda não casara. É a solidão que gera o sofrimento da pessoa que não conseguiu dividir o pão da vida:

"... ia roendo o pão da solidude moral..." (Quincas Borba)

3. Em "Esaú e Jacó", o personagem Gouveia costumava fazer poemas para Flora. Procurava traduzir, em versos, seus sonhos; procurava viver cada um daqueles momentos com o cuidado e o zelo do poeta escravo da métrica:

"Consigno, em casa da mãe, gastava papel e tinta a metrificar as esperanças." (Esaú e Jacó)

4. Para mostrar a desilusão de Custódio, personagem do conto "O Empréstimo", o autor recorre a uma alegoria bíblica:

"A alma de Custódio caiu de bruços. Subira pela escada de Jacó até o céu; mas em vez de descer com os anjos no sonho bíblico, rolou abaixo e caiu de bruços". (O Empréstimo).

5. A ação do tempo sobre o ser humano é traduzida pela metáfora "químico invisível". Para Machado, o tempo é esse químico que transforma os seres humanos, que cura sua dor moral. Assim foi a cura de Luís Garcia, recolhido à sua casa e à sua viuvez:

"O tempo, esse químico invisível, que dissolve, compõe, extrai e transforma todas as substâncias morais, acabou por matar no coração do viúvo, não a lembrança da mulher, mas a dor de a haver perdido." (Iaiá Garcia)

6. A referência ao nariz é uma constante na obra machadiana, metaforizando o egoísmo do ser humano, a preocupação com a ascensão pessoal, com o subir a qualquer custo. Se as pessoas não olhassem o seu nariz, a humanidade não teria sobrevivido cinco séculos. Ninguém o valorizou tanto como Brás Cubas:

"Nariz, consciência sem remorsos, tu me foste muito útil na vida..." (Memórias Póstumas de Brás Cubas)

7. A metáfora veicula, muitas vezes, o disfemismo. No excerto abaixo, Viegas, um parente de Virgília, aparece abalado pela doença, pela idade, pelo desprezo. É uma pessoa inútil. Sua vida foi, metonimicamente, uma série de invernadas:

"A segunda pessoa era um parente de Virgília, o Viegas, um cangalho de setenta invernos." (Memórias Póstumas de Brás Cubas)

8. A vida, para o nosso autor, é, muitas vezes, uma representação do cómico que nós somos, do ridículo que cultivamos dentro de cada um.

"A vida é uma ópera bufa com intervalos de música séria."  
(Réssurreição)

9. No bellissimo conto "Uns Braços", um jovem adolescente, Inácio, compraz-se em sonhar com os braços de D. Severina. Aqui, os braços traduzem, freudianamente, a idéia de aconchego, de proteção, de segurança. O adolescente procura, na mulher casada e de mais idade, o carinho que ele não teve dos pais, instaurando-se, concomitantemente, uma relação edipiana.

"No fim de três semanas eram eles, moralmente falando, as suas tendas de repouso." (Uns Braços)

10. As palavras "sardas e espinhas" são usadas por Machado de Assis de notativamente para referenciar a pele de Virgília e, conotativamente, para criticarem o Romantismo, em que os autores deixam de lado os defeitos e criam uma realidade fantasiosa.

"Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que já lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo. Para os fins secretos da criação." (Memórias Póstumas de Brás Cubas)

Eis, caros leitores, uma pequena amostra de como Machado de Assis nos revela o mundo, o homem do seu tempo (e de todas as épocas) através de um estilo cujo lugar de destaque pertence às metáforas. Seus livros são pródigos em tudo aquilo que se relaciona com a vida, essa vida que é comparada às edições de um livro e suas erratas: "Deixa lá Pascal dizer que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes."

Enfim, cada metáfora de Machado de Assis, na sua limpidez total, traduz os mais variados espatáculos da comédia humana. Ora insinua a personalidade grotesca de um Rubião, ora acentua a bufonaria e o "carnavalesco" de Quincas Borba. Desmascara a beleza hipócrita de Sofia e expõe a fatuidade perversa de um Cristiano Palha. Insinua, em Capitu, a marca do adultério e revela as fraquezas de Bentinho. Subverte a linguagem de José Dias para mostrar sua pobreza de espírito e de mente. Penetra na alcova de Virgília e, através dela, desnuda todas as mulheres do mundo. Faz com que amemos Marcela durante "onze meses e quinze contos de réis" e nos mostra quão tolos somos todos nós. Tira o Cônego Dias do altar e o despe dos seus paramentos, mostrando ao mundo uma multidão de religiosos para quem os ritos e as sobrepelizes valem mais do que o Sermão das Bem-aventuranças. Reduz o Conselheiro a um contador de histó-

rias, evidenciando-o na triste de paraplégico da vida, cuja muleta única é o passado.

É, paradoxalmente, belo e triste compreender Machado nas entrelinhas de suas metáforas, porque estaremos assumindo a hipocrisia e a dor do gênero humano; porque estaremos representando e entendendo a vida como "uma ópera bufa com alguns intervalos de música séria"; porque apenas divisamos que as cólicas de nosso irmão devem ser dolorosamente suportadas; porque temos um precioso nariz para o qual estamos sempre voltados e nunca para os lázaros que imploram as migalhas de nossa mesa farta; porque somos parasitas como tantos outros; porque a vida está tornando-se, cada vez mais, "um ofício cansativo".

Machado metaforicamente pessimista? Talvez. Machado metaforicamente realista? Sim. Machado que põe o dedo em nossas feridas e tira o efeito da anestesia. Machado que, nos seus 150 anos, não deixou de conduzir o caro leitor pelas ruas do Catete, do Flamengo, do Botafogo, de Santa Teresa - ruas que identificam as nossas ruas, por onde passa o cortejo fúnebre de uma sociedade decadente, pretenciosa e preconceituosa. São ruas e casas que revelam o homem e falam de políticos. De homens-políticos. Homens que só visam à ostentação. Homens que se escondem depois que assumem seus gabinetes. Homens que deificam o poder, que idolatram a glória e queimam incenso aos falsos líderes.

A linguagem do nosso "bruxo", aceitando a proposta de Roland Barthes, "é como o gesto do lutador vencido, significando uma derrota que ele, em vez de ocultar, acentua e mantém como uma nota de órgão e que corresponde à máscara antiga usada no teatro grego para significar o tom trágico do espetáculo. "Na luta, como na linguagem machadiana, não se tem vergonha da dor, sabe-se chorar, saboreiam-se as lágrimas.

E é, recorrendo-se às "Mitologias", de Barthes, que chegamos à conclusão de que Machado nos aflige o sofrimento com limpidez e convicção, pois é preciso que todo mundo constate não só que o homem sofre, mas, sobretudo, compreenda por que sofre. Sua metáfora tem esse poder mágico de preparar o sofrimento para chegarmos ao riso; ou de preparar o riso para recebermos a dor. Parece que não há diferença substancial como nos mostra o nosso tão dileto autor no último capítulo de "Quincas Borba" "Eia! chora os dois recentes mortos, se tens lágrimas. Se só tens riso, ri-te! É a mesma cousa. O cruzeiro que a linda Sofia não quis fitar, como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lágrimas dos homens."

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Machado de. **Obras Completas**. Rio de Janeiro, Aguilar, 1959.
- BARTHES, Roland. **mitologias**. 3ª ed. Rio/S. Paulo, Difel, 1978.
- CASTRO, Walter de. **Metáforas Machadianas: estruturas e funções**. Rio, ao Livro Técnico S/A, 1977.
- DUBOIS, J. et alii. **Retórica Geral**. Trad. de vários autores. S. Paulo, Cultrix; Ed. da Universidade de S. Paulo, 1974.
- RIEDEL, Dirce Côrtes. **Metáfora, o espelho de Machado de Assis**. S. Paulo, Francisco Alves, 1974.